

28 mar - 24 mai 2026

ONDE MEUS PÉS PISAM

Hilda de Paulo

SOZINHA SE VAI MAIS RÁPIDO,
MAS JUNTAS VAMOS MAIS LONGE

*Foram me chamar,
eu estou aqui, o que é que há?
Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho.
Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho.*
Dona Ivone Lara

Hilda vem caminhando há muito tempo. Ela entrou na minha vida devagarinho, anos atrás, e hoje minhas palavras encontram o seu caminho. *Onde meus pés pisam* é a exposição da artista brasileira Hilda de Paulo na cidade do Porto e reúne um conjunto diverso de obras que acompanham as jornadas e encontros que a artista vem tecendo desde que deixou Inhumas, cidade do estado de Goiás, na região Centro-Oeste do Brasil. É desse ponto inicial que partimos. Para esta exposição, Hilda reúne trabalhos que atravessam pintura, fotografia, objetos e performance, entre outras linguagens que estruturam sua pesquisa. As obras se encontram no espaço como fragmentos de uma trajetória marcada pelo deslocamento, pela escuta e pela construção de vínculos. Escrever sobre o trabalho de Hilda é, para mim, um exercício especialmente sensível, já que também sou um corpo trans. Empatia é uma palavra talvez desgastada pelo uso, mas é justamente essa experiência que a exposição convoca. A possibilidade de sentir com o outro e de reconhecer, ainda que por instantes, aquilo que nos atravessa.

A dor que emerge dessas histórias não se apresenta de forma única. Hilda a reconfigura e, muitas vezes, recorre ao humor como ferramenta crítica e intelectual. Esse gesto desloca o peso do sofrimento e abre espaço para outras formas de elaboração e de partilha.

Ao percorrer a exposição, a pessoa visitante acompanha o movimento de uma artista cuja vida e obra se constroem no deslocamento. As escolhas que Hilda apresenta não se impõem como respostas fechadas. Elas se oferecem generosamente no espaço e convidam quem passa a caminhar junto, reconhecendo, nos caminhos da artista, ecos de seus próprios percursos.

A exposição apresenta um conjunto de trabalhos que atravessam diferentes linguagens e experiências. Diante dessa multiplicidade, qualquer tentativa de dar conta da complexidade de cada obra neste texto será necessariamente parcial. Ainda assim, torna-se impossível seguir sem mencionar *Eu Gisberta*. O impacto deste trabalho é tal que ele se desdobra como um mecanismo de identificação para a própria artista.

A escritora e pesquisadora brasileira Amara Moira fala, em uma de suas palestras, sobre a experiência do olhar cisgênero dirigido a um corpo trans e sobre a forma como esse olhar opera. Muitas vezes não se trata de olhares abertamente hostis ou agressivos. São olhares curiosos, que parecem tentar entender o que está diante deles. No entanto, nesse gesto de tentar compreender, acabam também afirmando que aquele corpo é estranho, esquisito, que não faz sentido dentro das expectativas que organizam o mundo. Esse estranhamento, quando repetido e naturalizado, constrói uma distância entre quem olha e quem é olhado. Aos poucos, aquilo que era apenas curiosidade transforma-se em rejeição, e a rejeição pode tornar-se violência. Quando levado ao extremo por indivíduos cuja vida é regida pelo ódio, esse olhar termina por

produzir a morte. Mais especificamente transfeminicídio, já que também é preciso dar nome às coisas.

Infelizmente é nesse ambiente de medo e transfobia que corpos trans são ensinados a viver. Como viver com medo? Como transformar essa dor em algo mais? Como ser livre?

Talvez essa dor se assemelhe à de uma tatuagem que cicatriza e deixa uma marca permanente. A tatuagem não existe sem o furo da agulha, assim como certas memórias não existem sem a experiência da dor. O gesto que fere também é o gesto que escreve. O trabalho de Hilda me machuca porque vejo ali sua dor e sua solidão, que em algum lugar também são as minhas, como também foram as de Gisberta.

A exposição se abre como essa ferida e como a casca que ela forma quando cicatriza. Como as rachaduras de um pé que caminha descalço. É entre essas feridas e o poder curativo das cicatrizes que o trabalho de Hilda se revela.

Ainda assim, seguimos adiante. A partir da série *Em Um Bandas (Dia e Noite)*, nasce *Rota Solitária*, que passa a estruturar o percurso da exposição como um todo. Toda vida é, em alguma medida, uma rota solitária, e muitas pessoas artistas encontram em seu trabalho algum tipo de abrigo, ou ao menos o procuram.

Nesse conjunto de sessenta pinturas de cinco por sete centímetros, dispostas em uma das paredes do espaço expositivo, a sequência de pontos e cores constrói paisagens de uma longa viagem que ainda não terminou.

Essas pinturas aparecem quase como cartões postais que não revelam completamente uma paisagem, mas convidam a pessoa visitante a explorá-la ao lado de Hilda. A jornada mais longa começa sempre com um primeiro passo. Essas pequenas pinturas surgem como os calos que se formam nos pés durante uma travessia longa e exaustiva.

A ideia de postal se intensifica quando, entra em jogo, a citação de seu texto *Emi Koyama passou aqui*. Hilda tem uma relação com as palavras que me comove profundamente. Um cartão postal não é apenas a lembrança de um lugar. Ele também é memória de alguém. Essa memória, ativada pelos sentidos, muitas vezes chega a tocar. Nesta exposição, Hilda convida para caminhar com ela não apenas o público, mas também outras pessoas artistas. Estão presentes trabalhos de Anita Malfatti, Índigo e Tales Frey, convidadas a participar deste percurso. Algumas obras do acervo do Museu Nacional Soares dos Reis também entram em diálogo com a produção da artista, ampliando o campo de relações que atravessam a exposição.

Onde meus pés pisam é a mesma terra por onde tantas outras caminharam. Nesta exposição, Hilda nos convida a caminhar com ela. E talvez seja justamente nesse gesto de caminhar juntas que o caminho se torna possível.

Agrippina R. Manhattan
artista, curadora e pesquisadora

Ministra da Cultura, Juventude e Desporto
Minister of Culture, Youth and Sport
Margarida Balseiro Lopes

Secretário de Estado da Cultura
State Secretary of Culture
Alberto Santos

Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.
Museums and Monuments of Portugal, E.P.E.
Conselho de administração
Board of directors
Presidente Chairman
Alexandre Nobre Pais

Vogais Members of the board
Esmeralda Paupério
Sónia Teixeira

Museu Nacional Soares dos Reis
Soares dos Reis National Museum
Diretor Director
António Ponte

Artista Artist
Hilda de Paulo

Curadoria executiva
Executive Curatorship
Rui Pinheiro

Texto Text
Agrippina R. Manhattan

Tradução Translation
Emanuela Siqueira

Gestão da Coleção de Pintura
Painting Collection Management
Ana Paula Machado
Ana Nascimento

Conservação e Restauro
Conservation and Restoration
Salomé Carvalho
Filipe Fernandes

Montagem Installation
Jaime Guimarães
Marco Mendanha
Paulo Martins

Comunicação Communication
Felicidade Ramos
Maria Reis

Agradecimentos Acknowledgments
Ana Bárbara Barros
Agrippina R. Manhattan
Bruno Arsati
Carlos Magalhães
Emanuela Siqueira
Índigo
Lúcia Helena

Lumen – Imaging & Design Studio
Mãos Talentosas – Soluções Globais
Moldursant – Papelaria, Molduras e Belas Artes
Rubens Rangel
Suzana Queiroga
Tales Frey

À memória de Teresa Ves Liberta, que deixou muitas esperanças a cumprir
In memory of Teresa Ves Liberta, who left behind many hopes yet to be fulfilled

GOING ALONE IS FASTER,
BUT TOGETHER WE GO FURTHER

Hilda has been walking for a long time. She came into my life years ago, little by little, and today my words meet her path. *Onde meus pés pisam* [*Where my feet stand*] is an exhibition of the Brazilian artist Hilda de Paulo, held in the city of Porto, which presents a diverse collection of works that has accompanied the journeys and encounters that the artist has been threading since she left Inhumas, a city in the state of Goiás, in the Central-West of Brazil. It is from this starting point that we set off. For this exhibition, Hilda has brought works that extend through painting, photography, objects and performance, among other languages that compose her research. Such works can be found in the venue like fragments of a trajectory marked by displacement, listening and the creation of bonds.

To me, writing about Hilda's work is a particularly sensitive exercise, as I am also a trans body. Empathy is probably an overused, worn-out word, but it is exactly the kind of experience that this exhibition convenes. The possibility of feeling with other people and to recognize, even for a moment, that which moves through us. The pain that emerges from these stories is not introduced as a single form. Hilda reconfigures it and even turns to humour as a critical and intellectual tool. This gesture displaces the weight of suffering and gives room for other forms of elaboration and sharing. By walking through the exhibition, the visitors follow the movement of an artist whose life and work are built in displacement. The choices presented by Hilda are not imposed as closed-ended answers. They are generously offered in the venue and invite those who pass by to walk together, recognizing, in the artist's paths, echoes of their own journey.

The exhibition presents a set of works that spans different languages and experiences. Before this multiplicity, any attempt made in this text to fully account for the complexity of each work will be necessarily partial. Nevertheless, it becomes impossible to continue without a mention of *Eu Gisberta* [*I Gisberta*]. The impact of this work is significant in that it unfolds like a mechanism of self-identification for the artist.

In one of her lectures, the Brazilian writer and researcher Amara Moira talks about the experience of the cisgender gaze directed at a trans body, and how such a gaze works. It is usually not the case that this gaze can be openly hostile or aggressive. It is a curious gaze, in an apparent effort to understand what is in front of it. However, in this attempt to comprehend, it also affirms that a trans body is alien and weird, a body that does not make sense within the expectations that organize the world.

This estrangement, when reiterated and naturalized, creates a distance between the one who looks and the one who is looked at. Gradually, that which was only a curiosity becomes rejection, and rejection might become violence. When taken to extremes by individuals whose lives are governed by hatred, this gaze ultimately

*I was called upon,
here I am, what's going on?
I came from there, I came from there when I was little.
Someone warned me to stand on this ground little by little.
Dona Ivone Lara*

creates death. More specifically, transfemicide, since we must give names to things.

Unfortunately, this is the environment of fear and transphobia where trans bodies are taught to live in. How to live with fear?

How to transform this pain into something else? How to be free? This pain may be similar to the one produced by a tattoo that heals and leaves a permanent mark. A tattoo can not exist without the piercing of a needle, just like some memories can not exist without the experience of pain. The gesture that wounds is also the one that writes. Hilda's work wounds me because I can see her pain and loneliness in it, and somewhere they are also mine, like they once were Gisberta's.

The exhibition opens up like that wound and the scab it creates as it heals. Like the cracks on a foot that walks bare. It is between these wounds and the healing power of scars that Hilda's work is revealed.

Be it as it may, we press forward. From the series *Em Umás Bandas* (*Dia e Noite*) [*At Some Places* (*Day and Night*)], *Rota Solitária* [*Solitary Route*] is born, which begins to organize the course of the exhibition as a whole. Every life is, in a sense, a solitary route, and many artists find in their own work some sort of shelter, or at least they search for it.

In this set of sixty 5x7 cm paintings, displayed on one of the walls of the exhibition space, the sequence of dots and colors creates landscapes of a long journey that is yet to end.

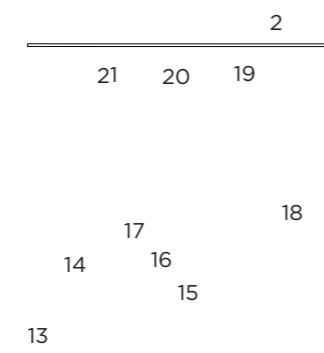
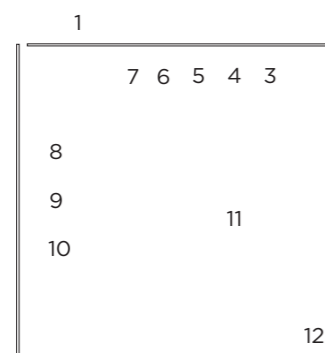
These paintings appear almost like postcards that do not fully reveal a landscape, but invite visitors to explore it alongside Hilda. The longest journey always begins with a first step. These small paintings emerge like calluses on the feet during a long and exhausting traversal.

The idea of mail exchange is strengthened when a quotation of one of her texts, *Emi Koyama passou aqui* [*Emi Koyama was here*], comes into play. Hilda has a relationship with words that moves me immensely. A postcard is not only a memory of a place. It is also a memory of someone. This memory, triggered by the senses, is even able to touch, again and again.

In this exhibition, Hilda's invitation for a shared walk is not limited to the audience, but extends to other artists. Also present are the works of Anita Malfatti, Índigo, and Tales Frey, invited to participate in this path. A portion of Soares dos Reis National Museum's collections also comes in dialogue with Hilda's work, expanding the field of relations that percolates the exhibition.

Onde meus pés pisam is the same ground that so many others have walked on. In this exhibition, Hilda invites us to walk with her. And maybe, it is through this very act of walking together that the path can be opened.

Agrippina R. Manhattan
artist, curator, and researcher



1

Anita Malfatti, *Árvore amarela*, c. anos 1950. Aguarela sobre papel, 17 x 13 cm Anita Malfatti, *Yellow Tree*, c. 1950s. Watercolour on paper, 17 x 13 cm

Hilda de Paulo, *75 anos depois, homem é detido suspeito de provocar incêndio com isqueiro* (Depois de Anita Malfatti), 2025. Acrílico sobre tela, 17 x 13 cm Hilda de Paulo, *75 Years Later, a Man Is Detained on Suspicion of Starting a Fire with a Lighter* (After Anita Malfatti), 2025. Acrylic on canvas, 17 x 13 cm

2

Hilda de Paulo, *Rota solitária* ("As Quatro Estações - Ao Vivo" de Sandy & Júnior), 2025. Acrílico sobre tela, 30 x 40 cm Hilda de Paulo, *Solitary Route* ("As Quatro Estações - Ao Vivo" by Sandy & Júnior), 2025. Acrylic on canvas, 30 x 40 cm

3

Hilda de Paulo, *Eu Gisberta*, 2015. Fotografia e texto-manifesto, 100 x 100 cm Hilda de Paulo, *I Gisberta*, 2015. Photograph and manifesto text, 100 x 100 cm

4

Hilda de Paulo, *quando as espécies se encontram*, 2023. Fotografia, 40 x 28,98 cm Hilda de Paulo, *When Species Meet*, 2023. Photograph, 40 x 28.98 cm

5

Hilda de Paulo, *Querido diário...* (Depois de Nelson Leirner), 2026. Colagem sobre fotografia, 120 x 80 cm Hilda de Paulo, *Dear Diary...* (After Nelson Leirner), 2026. Collage on photograph, 120 x 80 cm

6

Hilda de Paulo, *J.A.D.*, 2019. Acrílico sobre tela, 20 x 20 cm Hilda de Paulo, *J.A.D.*, 2019. Acrylic on canvas, 20 x 20 cm

7

Aurélia de Souza, *Academia – Modelo feminino nu sentado em vista lateral, s/d*. Óleo sobre tela, 47 x 38 cm Aurélia de Souza, *Academy – Female Nude Model Seated in Profile, n.d.* Oil on canvas, 47 x 38 cm

8

Índigo, *Desenho para a capa do livro Emi Koyama passou aqui* de Hilda de Paulo, 2026. Lápis-de-cor sobre papel, 21 x 29,7 cm Índigo, *Drawing for the cover of the book Emi Koyama Was Here* by Hilda de Paulo, 2026. Coloured pencil on paper, 21 x 29.7 cm

9

Alberto Aires de Gouveia, *Retrato de rapaz*, 1914. Pastel sobre papel colado em tela, 70 x 59 cm Alberto Aires de Gouveia, *Portrait of a Young Man*, 1914. Pastel on paper mounted on canvas, 70 x 59 cm

10

Hilda de Paulo, *Fragmento do texto Emi Koyama passou aqui*, 2024. Vinil colante, 70 x 42 cm Hilda de Paulo, *Fragment from the text 'Emi Koyama Was Here'*, 2024. Adhesive vinyl, 70 x 42 cm

11

Hilda de Paulo, *Como vai você, Sr. Curador?*, 2025. Instalação com oito fotografias, 168,8 x 165 cm (aprox.) Hilda de Paulo, *How Are You, Mr Curator?*, 2025. Installation with eight photographs, approx. 168.8 x 165 cm

12

Hilda de Paulo, *Pessoas Cis não esperam de pessoas Trans e Travestis a intelectualidade*, 2023. Vinil colante, 150 x 19,7 cm Hilda de Paulo, *Cis People Do Not Expect Intellectuality from Trans and Travesti People*, 2023. Adhesive vinyl, 150 x 19.7 cm

13

Hilda de Paulo, *E não posso ser eu também uma mulher?* (Depois de Sojourner Truth, bell hooks, Monique Wittig e Leticia Nascimento, e, também, de Claudia Rodriguez), 2021. Ilustração digital, 165 x 120 cm Hilda de Paulo, *Ain't I a Woman Too?* (After Sojourner Truth, bell hooks, Monique Wittig and Leticia Nascimento, and also Claudia Rodriguez), 2021. Digital illustration, 165 x 120 cm

14

Hilda de Paulo, *A Amante Ideal* (Depois de Emília Nadal), 2021. Objeto, 28,5 cm (altura); 21 cm (circunferência); 45,5 cm (circunferência da alça) Hilda de Paulo, *The Ideal Mistress* (After Emília Nadal), 2021. Object, 28.5 cm (height); 21 cm (circumference); 45.5 cm (handle circumference)

15

Hilda de Paulo, *Hilda de Paulo (Brincos)*, 2025. Objeto-pintura, aprox. 17,5 x 17,5 x 46 cm Hilda de Paulo, *Hilda de Paulo (Earrings)*, 2025. Painted object, approx. 17.5 x 17.5 x 46 cm

16

Hilda de Paulo, *Hilda de Paulo (Sapatos)*, 2021. Objeto-pintura, 58 x 28 x 9 cm Hilda de Paulo, *Hilda de Paulo (Shoes)*, 2021. Painted object, 58 x 28 x 9 cm

17

Hilda de Paulo, *Hilda de Paulo (Luvas)* (Depois de Miley Cyrus), 2026. Objeto-pintura, aprox. 60 x 30 x 30 cm Hilda de Paulo, *Hilda de Paulo (Gloves)* (After Miley Cyrus), 2026. Painted object, approx. 60 x 30 x 30 cm

18

Hilda de Paulo, *Porque não houve grandes pessoas trans artistas em Portugal?* (Depois de Linda Nochlin), 2026. Letreiro em MDF 15 mm com recorte especial e pintura automotiva, 224 x 7 cm Hilda de Paulo, *Why Have There Been No Great Trans Artists in Portugal?* (After Linda Nochlin), 2026. Sign in 15 mm MDF with custom cut and automotive paint, 224 x 7 cm

19

Hilda de Paulo, *Rota Solitária*, 2024–26. Acrílico sobre tela, 5 x 7 cm cada Hilda de Paulo, *Solitary Route*, 2024–26. Acrylic on canvas, 5 x 7 cm each

20

Hilda de Paulo, *Em umas bandas (Noite)*, 2020–24. Acrílico sobre tela, 5 x 7 cm cada Hilda de Paulo, *At Some Places (Night)*, 2020–24. Acrylic on canvas, 5 x 7 cm each

21

Hilda de Paulo, *Em umas bandas (Dia)*, 2020–24. Acrílico sobre tela, 5 x 7 cm cada Hilda de Paulo, *At Some Places (Day)*, 2020–24. Acrylic on canvas, 5 x 7 cm each